

A Autotranscendência e a Sua Contribuição Para a Descoberta do Sentido da Vida e a Superação do Vazio Existencial

Anna Cristina Pegoraro de Freitas¹ e Júlio César das Neves²

Resumo

O presente artigo objetiva analisar como o exercício da autotranscendência pode colaborar na superação do vazio existencial e da descoberta do sentido da vida. Foi realizada uma análise do filme “Uma segunda chance para amar”, para o desenvolvimento do estudo. Trata-se de um estudo de caso, e a literatura utilizada para fundamentação teórica e discussão foi encontrada em plataformas de buscas de periódicos científicos e livros, como também nas orientações de Uwe Flick quanto a estruturação da análise fílmica. Pode-se verificar, por meio da narrativa do filme, a importância de atitudes voltadas para além de si, de modo que é possível concluir que, por meio do uso do recurso antropológico, a autotranscendência, o vazio existencial pode ser superado e o sentido da vida encontrado.

Palavras-chave: Vazio existencial. Sentido. Autotranscendência.

Abstract

This article aims to analyze how the exercise of self-transcendence can collaborate to overcome the existential emptiness, and discover the meaning of life. This study was carried out while analyzing the movie “A second chance to love” (Last Christmas). This is a case study, and the literature used for theoretical foundation and discussion was retrieved from search engines of scientific journals and

¹ Professora do Departamento de Psicologia, PUC Minas; Mestre em Ciências da Religião; Pós-graduanda em Logoterapia e Análise Existencial; E-mail: acpegoraro@hotmail.com

² Psicólogo, Pós-graduando em Logoterapia e Análise Existencial; E-mail: encadernadoraneves@hotmail.com

books, as well as Uwe Flick's guidelines for structuring film analysis. The film's narrative reveals the importance of attitudes towards beyond oneself, thus it is possible to conclude that, through the use of self-transcendence, an anthropological resource, the existential emptiness can be overcome and the sense of life found.

Keywords: *Existential emptiness. Meaning. Self-transcendence.*

Introdução

A Logoterapia de Viktor Frankl nos apresenta, de forma profunda e clara, a importância do sentido da vida para o ser humano. Como comenta o referido autor, “o problema do sentido da vida, quer se apresente ou não expressamente, cumpre defini-lo como um problema caracteristicamente humano”. (Frankl, 2003a, pp.55-56). Para Frankl (2019):

Ao tentar responder à questão do sentido da vida – a mais humana de todas as questões –, o homem é remetido para si mesmo, tornando-se alguém a quem a vida interroga, alguém que a esta tem de responder, sendo responsável, assim, por sua vida. (p. 144)

O autor complementa: “Existe, portanto, no homem, uma vontade de sentido” (Frankl, 2005, p. 39). Esta vontade de sentido “pode ser definida como o esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos” (Frankl, 2011, p. 50).

Na sociedade contemporânea, a tirania do consumismo, a entrega ao trabalho desenfreado na conquista pelo ter e a busca pelo prazer imediato, podem levar o homem a distanciar-se do encontro com o sentido da sua vida, pois “o homem não vive apenas de bem-estar material” (Frankl, 2005, p. 23). Este distanciamento de seu encontro com o sentido da vida, pela não realização de valores, pode contribuir para a sensação de vazio existencial e, conseqüentemente, com a falta de sentido na vida. Para compreender o vazio existencial em Frankl (2019), busca-se em suas palavras a seguinte definição:

Refiro-me àquele sentimento de perda do sentido (*Sinnlosigkeitsgefühl*), que pelo visto se apodera cada vez mais do homem de hoje, e que defini como *vácuo existencial*. Atualmente, o

homem não sofre apenas de um depuramento dos instintos, mas de uma perda da tradição.

Doravante, nem os instintos lhe dizem o que tem que fazer, nem a tradição lhe diz o que deve fazer. (p.26)

É importante ressaltar aqui a questão dos valores em Logoterapia, e da importância da realização destes valores para a compreensão do encontro com o sentido na vida. A Logoterapia considera três categorias de valores: os criadores, os vivenciais e os de atitude. Frankl (2022) nos apresenta de forma clara estas categorias:

Já ouvimos que a realização do sentido é possível em três direções principais. O ser humano pode dar sentido a sua existência, em primeiro lugar, ao fazer alguma coisa, ao agir, ao criar algo – ao realizar uma obra. Em segundo lugar, contudo, também ao vivenciar algo – amar a natureza, a arte, as pessoas. E, em terceiro lugar, o ser humano pode, também onde lhe é dada a oportunidade na primeira ou na segunda direção, valorizar a sua vida, encontrar nela um valor – justamente quando toma uma posição diante das imutáveis, fatídicas, incontornáveis e ineludíveis limitações de suas possibilidades, na maneira como se posiciona e se comporta em relação a elas, como assume sobre si esse destino. (pp. 68-69).

Quando o ser humano não realiza estes valores, primordiais para o encontro com o sentido de vida, ele pode desenvolver um tipo de neurose chamada em Logoterapia de neurose noogênica. Frankl (2021a) nos diz que “as neuroses noogênicas não surgem de conflitos entre desejos e instintos, mas de conflitos entre valores, isto é, conflitos morais ou, de forma mais geral, problemas espirituais. Entre estes problemas, a frustração existencial geralmente desempenha um grande papel”. (p. 58).

Frankl (2005) nos fala que o problema do homem com o vazio existencial tem sido tão crescente, que ele o chama de “neurose noogênica”, no âmbito individual e “neurose de massa” quando se refere a grupos sociais, ao qual ele atribui à sintomatologia do vazio existencial que gostaria de chamar de tríade da neurose de massa: a depressão, a agressão e a toxicodpendência” (pp. 24-25).

Sendo este tema de grande relevância na atualidade pelas razões já citadas acima, a queixa de vazio existencial tem se apresentado em diferentes faixas etárias na prática clínica dos pesquisadores. Como nos diz Frankl (2011), “As pessoas, atualmente, vivem sob um vácuo existencial que se manifesta, principalmente, na forma de um sentimento de tédio. Tédio: soa-lhe familiar?” (p. 61).

Este cenário vai de encontro ao pensamento de Frankl (2005) quando faz uma pergunta extremamente relevante: “O problema é esse: como podemos ajudar as pessoas que estão desesperadas pela aparente falta de sentido na vida?” (p. 40). Como poderíamos, como psicólogos, colaborar para a resposta desta questão? Não podemos dar o sentido à vida de outra pessoa, mas podemos colaborar para que ela se dirija na direção do encontro com o sentido e essa colaboração é fonte de investigação deste estudo, e que novamente nos remete a uma frase de Frankl (2019):

Contudo, na vida não se trata de uma atribuição de sentido, senão de um achado de sentido; o que se faz não é dar um sentido, mas encontrá-lo: encontrar, dizemos, e não inventar, já que *o sentido da vida não pode ser inventado; antes tem que ser descoberto*. (pp. 107-108)

O objetivo central desta pesquisa é compreender como o exercício da autotranscendência pode colaborar na superação do vazio existencial e na descoberta do sentido da vida por meio da análise do filme “Uma segunda chance para amar”.

Conforme Lukas (2012):

A autotranscendência se refere assim à capacidade do ser humano de se abandonar, de estender seu próprio horizonte para além de si, de se superar a si mesmo, enfim, esquecer-se de si e dedicar-se a algo diferente de si, que constitui parte do mundo que é percebido como tendo valor. (p. 194)

A partir destas reflexões, nos chamou a atenção o filme “Uma segunda chance para amar”, que nos apresenta a história de uma jovem de 26 anos, personagem principal, que passa por um transplante de coração e, após esta experiência, apresenta mudanças em sua forma de lidar com a vida e as

peessoas. Torna-se desleixada com sua aparência, impaciente com sua família, em especial com sua mãe, displicente em seu trabalho, abusando da bebida alcoólica e se envolvendo sexualmente com desconhecidos por uma companhia momentânea ou um lugar para passar a noite. Ela vem de outro país que tem tradições diferentes das do país que adotou como seu, que interferem na dinâmica de sua família. A personagem sugere um comportamento que se aproxima à descrição de Frankl (2011) sobre o sentimento de tédio.

O conteúdo do referido filme, apresenta uma riqueza de detalhes que contribui para a reflexão proposta, pela forma como os temas do vazio existencial e da autotranscendência foram retratados.

Para desenvolvermos este estudo a escolha metodológica se refere a um estudo de caso qualitativo, por se tratar de análise de filme. Segundo Penafria (2009) uma das formas de se analisar um filme é a análise de conteúdo. Para a autora, “Este tipo de análise considera o filme como um relato e tem apenas em conta o tema do filme”, além do seu resumo e da distinção de suas cenas. (p. 6). O tema do filme em questão abraça a questão do vazio existencial e sua superação a partir da autotranscendência que direciona o encontro com o sentido da existência, tema de grande relevância para a Logoterapia, o que justifica a sua escolha para o presente trabalho. O referencial de análise dos dados será a análise de conteúdo de Bardin, que, conforme a autora é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (Bardin, 2011, p. 32). A sequência estrutural da análise fílmica se baseia na proposta de Uwe Flick (2009). Para a fundamentação teórica e discussão será utilizada a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl.

Sobre como trazer um filme para um trabalho de pesquisa qualitativa, vale ressaltar a visão do psicólogo e sociólogo alemão Uwe Flick (2009), que inspirou a condução e o desenvolvimento deste trabalho.

Ele nos fala sobre a influência cada vez maior das películas na vida cotidiana e, portanto, “a pesquisa qualitativa utiliza-os para ser capaz de dar conta da construção social da realidade” (p. 224).

Flick comenta as colocações de Denzin (1989b), sobre suas análises de filmes hollywoodianos cujos conteúdos apresentam reflexões sociais, como questões que envolvem a família, valores, relacionamentos, emoções, experiências sociais, entre outros, e que, seus conteúdos, juntamente com suas práticas, podem apresentar “diferentes níveis de significado”. (Flick, 2009, p. 224). Leituras realistas e leituras subversivas são duas maneiras de interpretação, descritas como:

As leituras realistas compreendem um filme como descrição verídica de um fenômeno, cujo significado pode ser (completamente) revelado por meio de uma análise detalhada dos conteúdos e dos aspectos formais das imagens. A interpretação serve para validar as alegações de verdade que o filme produz sobre a realidade. As leituras subversivas, por sua vez, levam em conta o fato de que as ideias do autor sobre a realidade influenciam o filme da mesma maneira que as ideias do intérprete deverão influenciar sua interpretação. As diversas interpretações influenciam a análise do material do filme. (Denzin, 2004a, p. 240, como citado em Flick, 2009, p. 224).

Foram selecionadas algumas cenas consideradas cruciais para o desenvolvimento dos temas centrais desta pesquisa, com a reprodução de alguns diálogos, uma das sugestões do modelo de análise de filmes proposta por Denzin (2004a), dividida em quatro etapas. Ele propõe inicialmente que se deve anotar as “impressões, as questões e os padrões de significado que forem visíveis” no filme, seguido das formulações de perguntas que devem ser colhidas no material, anotando-se as “cenas-chave”. Dando sequência, se produz “microanálises estruturadas de cenas e sequências individuais, que devem levar a descrições e padrões detalhados na exposição (de conflitos, etc) nesses fragmentos”. E, por último, “ao responder à questão de pesquisa, buscam-se padrões em todo o filme”. (Denzin, 2004a, pp. 241-242, como citado em Flick, 2009, p. 224)

Objetivando responder ao questionamento que moveu os pesquisadores, o desenvolvimento deste trabalho traz, em um primeiro momento, a compreensão sobre o vazio existencial e a

autotranscendência em Logoterapia, seguido do conceito e fundamento teórico do sentido da vida, concluindo com a noção do movimento da autotranscendência para a superação do vazio existencial e a descoberta do sentido da vida.

Para uma maior compreensão do desenvolvimento da sequência estrutural desta pesquisa será apresentado a seguir, um breve relato do filme.

Descrição do filme

O filme *Last Christmas*, traduzido para o português comercialmente por “*Uma segunda chance para amar*” foi lançado em 2019. Trata-se de uma comédia romântica com 1h:43m. Dirigido por Paul Feig e atuado por Emilia Clarke (Katarina, ou Kate), Henry Golding (Tom), Michelle Yeoh (Noel), e Emma Thompson (Petra, mãe da Katarina).

O filme inicia com uma cena em uma catedral, onde a personagem principal faz um canto solo como participante de um coral, que a acompanha no decorrer da canção. Sua família, pai, mãe e irmã, assistem emocionados à apresentação. Estão na Iugoslávia, em 1999. A canção é “Heal the pain” de George Michael, cuja tradução é “Curar a dor”. É uma música que aparece em outros momentos durante o filme e faz um apelo para que se permita tentar ajudar a curar a dor que se sente por dentro e suplica que seja boa consigo mesma, pois ninguém mais tem o poder de te fazer feliz (tradução livre).

A música Heal the pain é colocada para tocar em sequência por quatro vezes em um bar pela personagem Katarina, agora em Londres, 2017, aos 26 anos. Está sozinha, bebendo e acompanhada de uma pequena mala. O que aconteceu nestes 18 anos? O desenrolar da história nos intriga a questionar sobre as questões do sentido, do vazio existencial e da autotranscendência, que serão desenvolvidos mais à frente.

Katarina (Emilia Clarke) é uma jovem iugoslava revoltada com a vida e as pessoas. Sua vida é uma desordem. São imigrantes em Londres, onde o pai, que era um advogado, trabalha como taxista e a mãe uma dona-de-casa deprimida com um medo constante de ser deportada. Quer ser chamada de

Kate, não de Katarina, para não lembrar suas origens. Tem muita dificuldade com sua mãe Petra (Emma Thompson) e a com sua irmã Marta, uma advogada que saiu de casa para morar com sua namorada. Katarina sempre gostou de cantar, mas não tem sorte como artista e trabalha como vendedora, vestida de elfo verde, em uma loja de enfeites de Natal. A dona da loja, Noel (Michelle Yeoh) gosta de Katarina, mas está cansada de suas distrações. Próximo ao Natal ela vê um rapaz pela janela da loja, que fica olhando o tempo todo para cima. É Tom (Henry Golding), um rapaz diferente de todos os que ela conhecia. Parece esquisito, a princípio, porém, com o tempo, ele vai dizendo coisas a ela que a faz refletir sobre toda a sua vida e ele passa a ser uma pessoa imprescindível na vida dela ao pontuar questões relevantes em seu comportamento, em sua forma de agir e reagir às experiências que a vida lhe traz. Pela primeira vez ela se abre com alguém e conta seu problema de coração e a situação de quase morte que vivenciou. A partir deste encontro, começam as mudanças na forma de Katarina enxergar a vida e as pessoas e, principalmente, ela mesma. Pode-se verificar a colaboração do rapaz para um direcionamento da personagem, para seu encontro com o sentido. Tom a apresenta ao serviço voluntário a desabrigados. O que de início foi renegado, aos poucos vai se abrindo para novas ações e um envolvimento que modifica todo o sentido na vida da personagem. No desenrolar da história, Katarina e Tom criam um vínculo muito estreito até que ela descobre que ele já havia falecido e foi quem doou o coração que foi transplantado nela. Um filme leve e profundo ao mesmo tempo, que traz reflexões e questionamentos bastante pertinentes e atuais, como vamos identificar em nossa análise. O desfecho final do filme é surpreendente e será o arremate do presente trabalho.

Vazio Existencial e a Autotranscendência em Logoterapia

O que vem a ser a Logoterapia? Para que possamos desenvolver toda a proposta deste trabalho, é necessário começar por apresentar a Logoterapia, para, a seguir, tratarmos a respeito de alguns de seus conceitos que pretendemos analisar.

Viktor Emil Frankl, médico psiquiatra e neurologista vienense, de origem judaica (1905-1997), propõe a Logoterapia e Análise Existencial, conhecida como a terceira escola vienense de psicoterapia - depois de Freud e Adler. “Logos” é uma palavra de origem grega que significa “sentido” e ela tem como foco o “sentido da existência humana” - Para a Logoterapia, “a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora do ser humano”. (Frankl, 2006a, p. 92).

Frankl viveu em quatro campos de concentração durante a segunda guerra. Vivenciou os horrores do holocausto, perdeu sua família por conta do nazismo e reconstruiu sua vida após o final da guerra, com um brilhantismo e um exemplo para toda a humanidade, com bravura e coragem, após uma das mais terríveis experiências que um ser humano pôde passar.

Ele chega a Auschwitz com os seus escritos sobre a Logoterapia costurado dentro de seu casaco, que é levado pelos guardas do campo de concentração e nunca mais é encontrado. Mas as suas ideias ninguém jamais pôde tirar-lhe. Ele reescreve a sua proposta logoterápica após a guerra e o mundo pôde ter a alegria de conhecer seu trabalho e se beneficiar de toda a sua teoria.

Para a Logoterapia, o homem é um ser em busca de sentido. Ele encontra o sentido pela realização de valores nas atitudes que pratica, nas ações que realiza, nas suas atitudes diante do mundo e das pessoas. Estes valores são categorizados em Logoterapia como valores criadores, vivenciais e de atitude, como se pode ver em Frankl (2003a). Os valores criadores podem se realizar por meio de um trabalho que é desempenhado; os valores vivenciais podem se realizar por meio da entrega à beleza da natureza ou da arte e os valores de atitude diante da atitude tomada diante de um destino imutável. (pp. 81-83).

Vazio existencial em Logoterapia

A compreensão do que é o vazio existencial é fundamental para o entendimento dos propósitos da Logoterapia. Segundo Frankl (2015):

Quando me perguntam como explicar o advento desse vazio existencial, cuido então de oferecer a seguinte fórmula abreviada: em contraposição ao animal, os instintos não dizem ao homem o que ele tem de fazer e, diferentemente do homem do passado, o homem de hoje não tem mais a tradição que lhe diga o que deve fazer. Não sabendo o que tem e tampouco o que deve fazer, muitas vezes já não sabe mais o que, no fundo, quer. Assim, só quer o que os outros fazem – conformismo! Ou só faz o que os outros querem que faça – totalitarismo (p. 11).

Katarina tem um problema cardíaco e precisou passar por um transplante de coração. Após esse fato ela se sente modificada. Em uma conversa com Tom ela consegue se abrir e contar o seu drama pessoal: *“Eles tiraram o meu coração e jogaram fora. Não sei o que eles colocaram no lugar, mas me senti esquisita, diferente e estranha – eu perdi o que era mais especial em mim. Todos diziam que eu tinha sorte de estar viva, mas eu não me sentia viva, eu me sentia meio morta.”* (1:00:17')

Esta revelação quanto ao seu sentimento após a cirurgia, mostra o quanto nessa situação vivenciou uma perda significativa e passava por um processo de luto. Um luto não reconhecido socialmente, como muitos outros que não estão ligados diretamente à perda de entes queridos. Como comenta Casellato (2015),

O luto não reconhecido é um fenômeno psicossocial que tem como desafio a legitimação do sofrimento humano diante de uma perda, independentemente de quando as reações de luto se manifestam, quem as manifesta, como, porque e por quem se manifestam. (p. 25).

Ela perdeu seu coração, sua saúde perfeita e, evidentemente, enfrentava a elaboração de um luto por tão significativa perda.

Sua chefe, Noel, a dona da loja onde trabalhava, já havia sinalizado esta mudança sua após o transplante. Certo dia, Katarina sai do trabalho atrasada para um teste e deixa a porta da loja destrancada. Ela é invadida e muitos enfeites são saqueados e quebrados. Quando ela chega para trabalhar e vê o estrago, Noel diz saber que ela não trancou a loja quando saiu e lhe fala: *“Você era*

ótima no trabalho quando começou. Por isso eu quis que ficasse o dia todo. Você tinha jeito com as pessoas e eu me senti sortuda por ter você. Mas eu não me sinto mais sortuda. Desde que voltou, parece que perdeu o controle, que não liga para mais nada". (28:36').

Muitas de suas atitudes durante o filme mostram a falta de sentido em sua forma de se relacionar com a vida. De casa em casa de amigos ou desconhecidos para passar uma noite, carregando uma mala sem destino certo todos os dias, sem cuidar da sua saúde, se alimentando mal e sem cuidar de si.

Percebemos a sua dificuldade após a realização do transplante. Ela estava sendo julgada como garota egoísta, que pensava apenas nela. Ela não se sentia acolhida: "Acho que era para eu ser especial. Não pedi para ser, mas foi como fizeram eu me sentir quando adoeci e continuei sendo quando quase morri e passei pelo transplante. Eles esperavam que eu agisse normalmente, e seguisse com a vida". "... Antes eu conseguia cantar, mas agora eu não consigo fazer nada. Acho que essa coisa de ser especial é superestimada. Acho que ser um ser humano já é difícil, muito difícil mesmo". (1:01:03')

No entanto, Frankl várias vezes fala da possibilidade de sentido no sofrimento. "O homem não é livre de suas contingências, mas, sim, livre para tomar uma atitude diante de quaisquer que sejam as condições que sejam apresentadas a ele" (Frank, 2011, p. 26). A personagem Katarina passou por uma situação delicada ao ser submetida a um transplante cardíaco. Uma situação imutável do destino e como já descrita anteriormente, em situações como esta, o ser humano tem a possibilidade de desenvolver valores de atitude, que colaboram para o encontro do sentido no sofrimento. Para Frankl (2022) "a capacidade de suportar o próprio sofrimento, contudo, não é nada mais do que a capacidade de realizar o que chamo de valores de atitude". (p. 73). Pois, ao continuar nesta reflexão de Frankl (2006a) sobre o sentido no sofrimento, ele nos fala que "... não se encontra sentido apenas na realização de valores de criação e de experiência. Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá". (p. 67)

Em seu livro *Em busca de sentido*, onde ele descreve o período de sua vida nos campos de concentração na Segunda Guerra, Frankl (2006a) nos fala da liberdade de atitude mesmo em situações limites como um campo de concentração nazista: “... no campo de concentração se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas. E havia uma alternativa!” (p. 66).

A personagem Katarina, diante do desafio do enfrentamento da doença cardíaca que desenvolveu e da necessidade de uma cirurgia de transplante de coração indispensável para a continuidade de sua vida, demonstra dificuldades em compreender esta situação do seu destino, demonstrando perda de direcionamento na vida e uma dificuldade de se desligar do passado. Katarina não conseguia identificar o propósito de sua vida no futuro, da segunda chance que estava tendo e dos valores que podia realizar.

Percebe-se na postura da personagem diante da situação inesperada e imutável que a vida lhe trouxe uma frustração da vontade de sentido. Este fundamento pode ser compreendido nas palavras de Frankl (2011): “o que chamo de vontade de sentido pode ser definido como o esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos”. (p.50). Esta frustração de Katarina a conduziu para uma sensação de vazio existencial, ou vácuo existencial, segundo Frankl (2019):

... frustração existencial. Pacientes a quem se aplica este diagnóstico costumam queixar-se de um sentimento de ausência de sentido ou de um vazio interior. São os casos de «vazio existencial», como se diz com terminologia logoterápica; vácuo este que, com razão, se pode caracterizar como a neurose coletiva da atualidade ... Nos casos em que a frustração existencial se condensa em sintomas neuróticos, temos um novo tipo de neurose, que denominaremos neurose noogênica, para usarmos a terminologia logoterápica”. (p. 396).

Diferente da neurose somatogênica ou psicogênica, a neurose noogênica é descrita por Frankl (2011) como uma neurose de nível espiritual, cuja etiologia “é formada pelo vácuo existencial, pela

frustração existencial ou pela frustração da vontade de sentido”. (p. 112). No início do filme, Katarina está em um bar, sozinha e bebendo, com sua mala ao lado, sem saber onde iria passar aquela noite. Um rapaz se aproxima dela e pergunta sobre a sua família e ela responde: “*Raiva, vergonha, mágoa, constrangimento. Isso é só com a minha mãe. Quer saber da minha irmã?*” (3:05”). Estas colocações de Katarina remete às palavras de Frankl (2011), “As pessoas, atualmente, vivem sob um vácuo existencial que se manifesta, principalmente, na forma de um sentimento de tédio”. (p. 61). Este tédio com relação a sua família sugere uma frustração existencial. Katarina não sabia onde passaria cada noite, vivendo sem um direcionamento na vida, sem um sentido concreto. Consequentemente, esta situação por ela vivida pode desenvolver o que a Logoterapia classifica como neurose noogênica, o que pode ser melhor compreendido na citação acima de Frankl (2011)

Katarina, ainda muito jovem, tem a vivência da certeza da finitude humana, da possibilidade da morte. Para Frankl, esta consciência de que a vida tem um limite, convoca à responsabilidade que o ser humano tem para com a sua vida, pois “A finitude, a temporalidade, não é apenas, por conseguinte, uma nota essencial da vida humana; é também *constitutiva do seu sentido*”. (Frankl, 2003a, p.109). Uma vez que a vida humana tem um limite de tempo, que este tempo seja vivido com sentido. Com a personagem do filme, a mudança começa a acontecer quando ela conhece Tom. Inicialmente ele era apenas um rapaz desconhecido, com algumas atitudes um pouco estranhas, como ficar olhando para cima para ver os pássaros. Aos poucos, eles vão se tornando mais próximos e ela vai criando um vínculo com ele. Em uma conversa, Tom a acolhe em seu sofrimento e diz: “*Uma coisa que uma pessoa me disse me ajudou: Toda pequena ação do cotidiano caracteriza ou descaracteriza quem você é – significa que você é tudo aquilo que você faz. E está tudo bem!*” (1:02:25’). Esta frase, demonstra o início de uma reflexão mais profunda sobre a responsabilidade de Katarina com relação às suas ações e suas escolhas. Tom demonstra entender seu sofrimento e acolher a sua dor, porém, a responsabilidade, era somente de Katarina. Pode-se relacionar esta frase de Tom ao conceito de liberdade e responsabilidade em

Logoterapia. Se há o livre-arbítrio, há também a responsabilidade com a escolha feita. Frankl nos diz que toda a liberdade vem de mãos dadas com a responsabilidade. Somos seres humanos, únicos e irrepetíveis segundo a Logoterapia. “O existir humano é ser-responsável, porque é ser-livre”. O homem é um ser que – como diz Jaspers – cada vez decide o que ele é: “ser que decide”. (Frankl, 2003a, p. 121).

Em seu livro *Em busca de sentido*, Frankl (2006a) faz uma colocação com relação a pessoas em desespero, que se queixam de não ter mais nada a esperar da vida, ao que ele completa enfatizando que o que realmente importa é “exclusivamente o que a vida espera de nós”. Pois, isso implica em responder com responsabilidade à vida, pois “viver não significa outra coisa que arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento”. (p. 76)

Autotranscendência

Uma das mudanças mais significativas na vida humana é o olhar em direção ao outro. É o sair do “eu” e caminhar para o “tu”. É a possibilidade do encontro com o outro e desenvolvimento de ações significativas e com sentido para quem as pratica. O olhar em direção ao outro é a base do exercício da autotranscendência.

Paulo Kroeff sinaliza que a “autotranscendência é uma característica absolutamente necessária para buscar e realizar o que é o cerne da Logoterapia, o sentido da vida”. Os seres humanos possuem características exclusivamente humanas, sendo a autotranscendência uma delas, “... É uma característica definidora da humanidade da espécie homo sapiens” (Kroeff, 2022, p. 21). Segundo Frankl, “O homem é um ser que transcende a si mesmo” (Frankl 1977, p. 206 como citado em Kroeff, 2022, p. 21). Compreende-se então, que a autotranscendência é um dirigir-se ao outro, o sair de si para ir ao encontro do outro, é constitutivo do ser humano.

Ele diz: “*Vem, tenho uma surpresa para você!*” Sabendo que ela faria um teste para um musical, ele a leva para um teatro, à noite, que tem uma grande pista de patinação no gelo e a ensina como

patinar. Tom demonstra uma atitude de cuidado para com ela e de lhe oferecer o melhor naquele momento que ele sabia ser importante para ela. É um momento muito especial entre os dois. O segurança do local aparece depois de alguns minutos em que os dois estão patinando e pede que eles se retirem do local, pois o mesmo está fechado. Eles saem e vão conversando pelas ruas e ela, em determinado momento, comenta sobre a sua chefe: *“A Noel me odeia!”*. Tom diz: *“Você podia fazer uma coisa legal para ela”*. (45:12')

A partir deste momento, Katarina começa a ter atitudes muito diferentes com as pessoas. Chegando ao trabalho, vê um senhor do lado de fora da loja que percebeu no dia anterior que estava olhando de forma diferente para Noel. Ela sai e fala algo com ele, que entra na loja com ela. Noel, que atendia outros clientes, não percebe e Katarina se dirige a ela e diz: *“Noel, deixa que eu atendo este casal, porque tem um senhor aqui que quer ser atendido especificamente por você!”* (46:05'). E quando ela se vira e o vê vai ao encontro dele e os dois dão início a um relacionamento.

Katarina passa a demonstrar mudanças significativas em sua vida e em suas atitudes para com as pessoas. Ela sai do “eu” e vai para o “tu”. De uma Katarina que reclamava da chefe, achando que esta a odiava, para uma Katarina que tem uma atitude amorosa para com ela, ao proporcionar o encontro de Noel com o senhor que estava encantado com ela. Frankl fala do ir em direção ao outro. A abertura da personagem para realizar atitudes autotranscendentes começa a partir daí. Esta mudança de uma atitude autocentrada (apenas preocupada com seus sentimentos) para uma atitude autotranscendente (cuidar dos outros), faz muita diferença na vida de Katarina. Identificamos em Katarina a presença daqueles dois fenômenos que, segundo Frankl (2011), provavelmente são os mais humanos: o amor e a consciência. Segundo ele, “essas são as duas mais surpreendentes manifestações de outra capacidade exclusivamente humana, a capacidade de autotranscendência. O homem transcende a si mesmo tanto em direção a outro ser humano, quanto em busca do sentido”. (p.29).

Tom, o amigo da personagem Katarina, fica às vezes sem dar notícias por alguns dias, o que a faz procurar por ele. Como ele comenta com ela que ele é voluntário em um trabalho social em benefício de pessoas sem teto, ela vai procurar saber se as pessoas deste local beneficente têm notícias dele. Ao chegar lá, solicitam a ela que ajude a servir aos desabrigados, o que de início ela faz de má vontade. Ao voltar a esse lugar, à procura de Tom, já se comporta de forma mais colaborativa. Tom aparece em uma noite quando ela está na porta deste local que atende os desabrigados e ela havia bebido, por não o encontrar e ficar se sentindo perdida. Ele a leva para casa e conversam por um longo tempo. Ela conta a sua história e sobre o transplante de coração que sofreu. E, durante essa conversa, ela comenta com ele: “... *Nada parece certo, você é a única pessoa que faz com que eu me sinta, sei lá, real. Como se eu existisse!... Acho que essa coisa de ser especial é superestimada. Acho que ser um ser humano já é difícil, muito difícil mesmo*”. E continua falando: “*Quem sou eu?*”, chora. “*Eu não sei!*”. Eles riem. E Tom responde: “*Por que este negócio todo com o eu?*” (1:02:46’).

“*Por que este negócio todo com o eu*” - Sair do olhar ensimesmado e com uma preocupação exagerada sobre o eu pode deixar de ser paralisante, o que sugere uma diminuição deste foco. Ele a leva para a cama, a cobre e cantam uma canção de ninar. Ele fala que ela colocou para fora coisas muito pesadas e que precisa descansar. Precisa deste tempo para refletir e dar início às mudanças que poderiam levá-la a uma condição de vida melhor, com mais sentido e compreensão quanto a si mesma e ao seu próximo, seja familiar ou não.

No dia seguinte, Katarina já apresenta atitudes diferentes das habituais, ao sair de atitudes autocentradas para atitudes autotranscendentes. Chega mais cedo ao trabalho com um café para sua chefe, Noel, que estranha seu comportamento e pergunta: “*Chegou cedo! Não me diga que até sua mãe colocou você para fora?*” O que ela responde: “*Estou fazendo uma coisa para uma pessoa*”. E continua a escrever em uma folha grande de papel. (1:06:53’). Katarina diz a Noel: “*Eu trouxe um café especial para você*”. Noel: “*O que você quer?*”. Katarina: “*Nada*”. Noel: “*Por que isso?*” Katarina: “*Porque hoje é*

segunda". Neste pequeno diálogo entre Katarina e sua chefe, é percebido a estranheza de Noel com a nova atitude gentil de sua empregada, que parecia também, estar feliz, sem um motivo aparente. Podemos ver em Frankl (2011) que, quando o sentido é encontrado, a felicidade aparece, como consequência. Katarina realiza um sentido ao ser gentil com sua chefe, ao mudar suas atitudes e ter um objetivo, que é ajudar os sem-teto. Ela demonstra felicidade. Frankl (2011) nos diz que "realizar um objetivo constitui uma razão para ser feliz. Em outras palavras, se há uma razão para ser feliz, a felicidade se apresenta automática e espontaneamente". (p. 48)

Na cena seguinte, Katarina está em pé na rua, cantando, vestida de elfo verde, em frente ao abrigo com um copo no chão à sua frente e um cartaz que diz: "*Doe para o abrigo de sem-teto St. Benedict's*". (1:07:53'). Ela consegue algumas moedas e entra feliz no abrigo mostrando as moedas e um dos voluntários diz: "*Essa merreca não dá para nada*". Ao que ela responde: "*Eu sei que não é muito*". E outro voluntário diz: "*De jeito nenhum, é uma hora de doação de corpo e alma. Foi dado de coração e por isso tem muito valor*". Ela diz: "*Obrigada!*" (1:09:49'). A partir daí, Katarina tem um envolvimento maior com o voluntariado em benefício destas pessoas. Ela começa um movimento autotranscendente, saindo de si em direção ao outro, como nos é mostrado na Logoterapia. Estas colocações podem ser compreendidas melhor em uma citação de Frankl (2006a):

Ao declarar que o ser humano é uma criatura responsável e precisa realizar o sentido potencial de sua vida, quero salientar que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado. Chamei essa característica constitutiva de "a autotranscendência da existência humana". (p. 99)

Katarina saiu de si, das questões centralizadas no eu e se dirigiu em direção ao outro, numa atitude autotranscendente.

O Sentido da Vida

O questionamento pelo sentido da vida é de suma importância para a compreensão do ser

humano em Logoterapia. O que faz com que o sentido da vida seja a questão central do pensamento de Viktor Frankl?

Como nos diz Frankl (2003a), a Logoterapia busca trazer ao homem a consciência da sua responsabilidade, do seu ser-responsável, e “...responsabilidade significa sempre responsabilidade perante um sentido” (p. 55). Este questionamento sobre o sentido da vida é característico apenas do ser humano, os animais não o têm, por mais que sejam evoluídos e organizados, como abelhas e formigas, não têm a capacidade de questionar sobre as questões do sentido de sua existência. Frankl (2021b) nos apresenta uma fórmula antropológica: “*ser-eu significa ser-consciente e ser-responsável*” (p. 10)

No início do filme, a personagem Katarina é expulsa pela namorada de um rapaz de sua casa, onde ela foi passar a noite, rapaz este que ela nem sabia o nome, e, ao juntar suas coisas na calçada em frente à porta, ela questiona: “*Por que a minha vida é uma droga?*” (4:29’). Pode-se perguntar: Como está Katarina neste momento com relação ao sentido de sua vida? Estará ela respondendo de forma valiosa, realizando valores, aos questionamentos da vida?

Para compreender melhor o que o autor da Logoterapia quer dizer com sentido, segue sua explicação:

O sentido é, pois, uma silhueta que se recorta contra o fundo da realidade. É uma possibilidade que destaca luminosamente, e é também uma necessidade. É aquilo que *é preciso* fazer em cada situação concreta; e esta possibilidade de sentido é sempre como a própria situação, única e irrepetível. (Frankl, 2003a, p. 28)

Frankl nos diz que não se pode dar sentido à vida das pessoas, pois ele precisa ser encontrado: podemos ajudá-las a encontrar o sentido.

Em outra cena, mais adiante no filme, se percebe novamente esta questão do ser consciente e ser responsável. Tom, ao ver Katarina comendo um sanduíche nada saudável, questiona se é a melhor escolha nutricional para ela, que rebate: “*Não começa!*” Ele diz: “*Depois de passar por tudo o que você*

passou, não deveria estar comendo quinoa, couve ou coisa do tipo?” Ela responde: “Faz parte de morrer como Kurt Cobain ou Amy Winehouse com 27 anos ... tenho 26”. (40:53’) Ela se comporta como se não se preocupasse mais nem com seu bem-estar e nem com o dos outros. Como se sua vida não tivesse sentido algum. Como se sua vida fosse um vazio. Frankl (2006a) sabiamente comenta sobre a questão do vazio existencial, um fenômeno que pode ocorrer ao ser humano e que se pode compreender desde que se tornou um ser humano, como a perda da segurança do paraíso, das tradições que lhe diriam o que deveria fazer, “às vezes ele não sabe sequer o que deseja fazer. Em vez disso, ele deseja fazer o que os outros fazem (conformismo), ou ele faz o que outras pessoas querem que ele faça (totalitarismo)”. (p. 97).

Esta situação vem de encontro com as palavras de Albert Einstein, citadas por Frankl: “o homem que considera a própria existência desprovida de sentido não só é infeliz, como também dificilmente consegue adaptar-se à vida”. (Einstein como citado em Frankl, 2011, p. 67). Esta fala citada acima, de Katarina, sugere uma banalização do valor da própria vida. Uma vida vazia, centralizada em si apenas.

Diante de situações desafiadoras do destino, a vida solicita ao homem uma postura diante das oportunidades que ela traz, à luz dos valores apresentados pela Logoterapia, pois colaboram para a compreensão do valor da vida humana. Ele nos apresenta os valores criadores, os valores vivenciais e os valores de atitude, já comentados anteriormente. Para Frankl (2003a)

... a vida do homem conserva o seu sentido até “as últimas”, até o último suspiro. Enquanto está consciente, o homem tem uma responsabilidade perante os valores, ainda que apenas se trate de valores de atitude ... A sua obrigação de realizar valores não o deixa em paz até o último instante da existência. (p. 83).

Uma cena já comentada anteriormente neste trabalho, quando o personagem Tom questiona Katarina, “*Por que este negócio todo com o eu?*” (1:02:46’), ao vê-la reclamar e sempre ter uma

justificativa para seus atos a partir das ações que outras pessoas tiveram em relação a ela, tenta conscientizá-la desse autocentramento.

Frankl (2011) nos fala sobre esta importante questão, quando diz que “ser consciente pressupõe a exclusiva capacidade humana de elevar-se sobre si, de julgar e avaliar suas próprias ações e a própria realidade em termos morais e éticos”. (p. 28) A consciência é um “fenômeno singularmente humano” (p. 28). Frankl (2006a) complementa ao dizer que “a consciência é a voz da transcendência e, por isso, ela mesma é transcendente”. (p. 42).

A partir do momento que Katarina inicia seu processo de mudança de atitudes com relação a si mesma e às outras pessoas, e se dedica às causas sociais, ela passa a realizar valores e encontra o sentido em sua vida. Torna-se consciente e responsável, o que é representado no filme por várias cenas curtas, sem fala, onde ela bate na porta de todas as pessoas a quem causou algum prejuízo, entregando um presente, demonstrando o quanto estas pessoas são importantes para ela.

A autotranscendência e sua contribuição para a superação do vazio existencial e a descoberta do sentido da vida

Ao longo do filme vai sendo percebida a mudança de atitude da personagem Katarina. O encontro com Tom e a revelação dele ser o dono do seu coração, traz a Katarina uma reflexão com relação à sua responsabilidade diante da vida. O personagem Tom pode representar simbolicamente a sua consciência, pois tenta educá-la para a vida. Para Frankl:

Quanto ao “órgão do sentido” – não órgão sensorial – que lhe transmite esse sentido, que por assim dizer o “fareja” no interior de uma determinada situação, quereria chamar-lhe de consciência. A consciência pessoal é, pois, o órgão do sentido. Numa época em que as tradições e os valores universais que elas encerram se vão esboroando, educar significa, portanto, no fundo e em última instância – e até diria, mais do que nunca – um formar a consciência pessoal. (Frankl, 2003b, p. 30)

Na visão Frankliana somos seres únicos e irrepetíveis e todas as nossas ações implicam em liberdade e responsabilidade. “Viver é uma experiência particularmente pessoal e única, porque implica em escolhas, em atitudes e em dedicações que são construções da subjetividade de cada um”. (Freitas, 2010, p. 58). Viver de forma consciente e responsável torna-se fundamental para uma vida com sentido. Segundo Frankl, “a consciência orienta o ser humano na busca do sentido”. (Frankl, 1990, p. 45, como citado em Freitas, 2018, p. 46).

Conseguimos compreender melhor estas colocações de Frankl quanto à consciência, quando ele nos traz as dimensões do ser humano: biológica, psicológica e noética. Em seu livro *A vontade de sentido*, Frankl (2011) apresenta a dimensão noética, distinta das dimensões biológica e psíquica, ao colocar que:

A capacidade de oferecer uma atitude diante dos fenômenos somáticos e psíquicos implica a elevação a um outro nível e a abertura a uma nova dimensão, à dimensão dos fenômenos noéticos, ou dimensão noológica – em distinção à biológica e à psicológica. É nessa dimensão que os eventos tipicamente humanos devem ser localizados. Ela poderia ser igualmente definida como dimensão espiritual. (Frankl, 2011, pp. 27-28).

Katarina passou por uma experiência dolorosa, que abalou sua dimensão biológica e psicológica, porém, sua dimensão noética permaneceu inabalada. Ao mudar suas atitudes com relação ao sofrimento vivido e tomar consciência de si, sua vida começou a ter sentido. O sofrimento vivenciado deixou de ser justificativa para atitudes irresponsáveis para com ela e com as outras pessoas. O sofrimento necessita ter um sentido para ser vivido em seu caráter de aprendizagem e crescimento. É preciso aprender a sofrer. Como nos explica Frankl (2019) é necessário “uma decisão espiritual ‘perante’ um fato psicofísico”. E complementa, dizendo que “sofrer significa, por conseguinte, tomar posição perante as dores e isso significa sempre também estar de algum modo “acima” das dores”. (p. 220). Encontrar o sentido no sofrimento, leva a personagem Katarina a ser grata pela vida.

No final do filme, Katarina tem a ideia de preparar uma festa de Natal com apresentação musical composta pelos próprios sem-teto, com sua condução. É realizada uma seleção entre eles para escolher os que teriam mais talento para atuarem e, no dia da apresentação, ela abre a festa com uma pequena fala, para todos os ouvintes, entre eles a sua família e todos os seus amigos. Ela diz: “Bem-vindos ao show de Natal!” (1:31:28’) - “Nós temos tanta sorte de estarmos vivos! Temos tanta sorte por podermos ajudar uns aos outros com pequenos e grandes gestos! A razão de termos sorte é porque ajudar ao próximo é, na verdade, o que nos traz felicidade!” (1:32:22’). Em seguida, ela canta com todos a música “Last Christmas”.

Estas palavras de Katarina se mostram repletas da consciência sobre o caminho a seguir para encontrar o sentido da vida. Ver a mãe, o pai, a irmã e a namorada, cantando e dançando juntos, com muita alegria, demonstra o respeito resgatado entre eles. Reina no local uma alegria contagiante entre todos. Ao ajudar os necessitados, Katarina encontra sentido na sua vida, e, conseqüentemente, alegria para viver e compartilhar com os demais momentos como esse.

A cena final do filme mostra Katarina sentada no jardim de Tom, lendo, já com uma aparência tranquila, observando o que está a sua volta, pensando e escrevendo. Transmite paz.

Considerações Finais

A Logoterapia nos apresenta a autotranscendência como o caminho para a superação deste vazio existencial. Para Frankl, “a existência não só é intencional, como também é transcendente. A autotranscendência constitui a essência da existência. Ser humano é ser direcionado a algo que não si mesmo”. (Frankl, 2011, p. 67). Quando este movimento é realizado pela personagem do filme “Uma segunda chance para amar”, acontece um giro copernicano, pois, ao sair de uma postura de autocentramento e partir para uma ação autotranscendente, o sentido de sua vida é encontrado.

Durante todo o filme observamos este movimento da mudança de direcionamento da personagem Katarina, para o encontro com o sentido. Inicialmente, sem rumo na vida, com atitudes

extremamente destrutivas para consigo mesma e nas relações com as pessoas, o que demonstra de forma clara, pela ausência da realização de valores, a situação de vazio existencial vivenciado por ela.

A partir do momento que Tom aparece na sua vida, as mudanças começam a acontecer. Ele foi o propulsor da mudança. Como Frankl citou várias vezes, não podemos encontrar o sentido da vida para ninguém, mas podemos ajudar as pessoas a encontrá-lo. Esta foi a missão de Tom nesta história, ainda mais que, ao ser revelado que ele era o dono do seu coração transplantado, desperta sua consciência, seu órgão do sentido. Este despertar da consciência que é a voz da transcendência como nos diz Frankl, e sua vida passa a ter um sentido, diante das novas ações praticadas.

De acordo com os achados deste estudo, podemos concluir que a autotranscendência pode sim contribuir para a superação do vazio existencial e para o encontro com o sentido da vida.

Referências

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Casellato, G. (Org.) (2015). *O resgate da empatia: Suporte psicológico ao luto não reconhecido*. Summus.
- Feig, P. (Diretor) (2019). *Uma segunda chance para amar* (Filme). Universal Pictures.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. (3ª ed.). Artmed; Bookman.
- Frankl, V. E. (2003a). *Psicoterapia e sentido da vida: Fundamentos da Logoterapia e análise existencial*. (4ª ed.). Quadrante.
- Frankl, V. E. (2003b). *Sede de sentido*. (3ª ed.). Quadrante.
- Frankl, V. E. (2005). *Um sentido para a vida: Psicoterapia e humanismo*. Ideias & Letras.
- Frankl, V. E. (2006a). *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. (23ª ed.). Sinodal; Vozes.
- Frankl, V. E. (2006b). *A presença ignorada de Deus*. Sinodal; Vozes.
- Frankl, V.E. (2011). *A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da Logoterapia*. Paulus.

- Frankl, V. E. (2015). *O sofrimento de uma vida sem sentido: Caminhos para encontrar a razão de viver*. É Realizações.
- Frankl, V. E. (2019). *O sofrimento humano: Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. É Realizações.
- Frankl, V. E. (2021a). *A falta de sentido: Um desafio para a psicoterapia e a filosofia*. Auster.
- Frankl, V. E. (2021b). *Logoterapia e análise existencial: Textos de seis décadas*. Forens Universitária.
- Frankl, V. E. (2022). *Sobre o sentido da vida*. Vozes.
- Freitas, A. C. P. (2010). *Espiritualidade e sentido de vida na velhice tardia*. [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais]
http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencReligiao_FreitasAC_1.pdf
- Freitas, M. L. S. (2018). *Afrontamento e superação de crises: Contribuição da Logoterapia*. IECVF.
- Kroeff, P. (2022). A autotranscendência na Logoterapia de Viktor Frankl. In V. Sanagiotto, & A. Pacciolla (Orgs.), *A autotranscendência na Logoterapia de Viktor Frankl* (Cap. 1). Vozes.
- Lukas, E. (2012). *Psicoterapia em dignidade: Orientação de vida baseada na busca de sentido de acordo com Viktor E. Frankl*. IECVF.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. HUCITEC.
- Penafria, M. (2009, abril). *Análise de filmes: Conceitos e metodologia(s)*. VI Congresso SOPCOM, Porto.
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>